



Listen to the girl as she
takes on half the world...

“Ouçam a rapariga, enquanto ela enfrenta meio mundo”

CJ Daugherty

Night School

Escola Noturna

1987

Escola Noturna - 1987

Parte 1

A última aula do dia ainda mal tinha acabado, mas os alunos já transbordavam pelos largos corredores da escola, um oceano em movimento de blazers azul-marinho, as suas vozes a aumentar a cada passo que os afastava de mais um dia de aprendizagem até formarem uma cacofonia de alívio.

Desatenta ao barulho e da pressa dos outros para saírem, a Isabelle demorou-se um pouco na porta da sala de História, folheando pelo seu caderno, com um franzido na testa, pequeno e preocupado.

O professor parou ao lado dela, a sua pasta na mão, a luz do sol, que atravessava a janela, iluminava o seu cabelo cinzento até este ser branco ofuscante, como a neve. “Qual é o problema, menina St. John? Perdeu alguma coisa?”.

Ela olhou-o. “Peço desculpa, sr. Hollis. Só me queria certificar de que tinha conseguido apanhar tudo o que disse nos últimos cinco minutos. Eu estava a escrever rápido, mas posso ter perdido alguma coisa.”

As suas sobrancelhas subiram, só um pouco. “Aprecio a sua dedicação. Se tiver alguma questão pode passa-la por mim na segunda-feira.”

“Oh, obrigada!” A Isabelle sorriu-lhe e guardou o caderno.

“Sabe,” o professor disse, “tem melhorado muitos nestas últimas semanas.” Ele bateu no lado nariz. “Não pense que eu não tenho reparado.”

A Isabelle sorriu-lhe. “Bem, tenho estado a trabalhar muito. Sinto que estou a chegar a algum lado.”

“Continue assim.” Virando-se, ele dirigiu-se para a multidão de alunos, elevando a sua voz, “Acalmem-se, todos vocês. Isto não é um ginásio. Vocês não são *performers*.”

Assim que ele desapareceu, ela apressou-se na direção oposta. Quando passou pela sala ao lado, o seu braço foi agarrado e ela foi puxada em direção às escadas.

“Ainda estás a trabalhar no velho Hollis?” Raj sussurrou as palavras no seu ouvido, um tom perverso, sob o seu sotaque forte de Yorkshire. “A tentar que ele te perdoe por teres-te baldado na semana passada quando eras para estar na aula dele?”

Isabelle pestanejou-lhe inocente. “Não sei do que falas. Sabes o quão dedicada eu estou a estudar história.”

Raj soltou um riso baixo e desapertou o cotovelo dela. A Isabelle desejou que ele não a largasse.

“Estás a perder o teu tempo,” ele disse, deslizando o seu casaco pelos ombros, despindo-o e colocando-o sobre o braço enquanto começou a alargar a gravata azul e branca “quero dizer, não é como se tu arranjasses problemas sérios. Tu safavas-te com homicídio, aqui.”

A Isabelle sorriu enquanto seguiam a multidão pelas escadas. Ambos sabiam que os professores gostavam dela — ela aplicava-se e conseguia boas notas. Eles perdoavam a infração ocasional.

“Como foi Física?” ela perguntou. “Não tiveste um exame simulado, hoje?”

“Oh, Deus. Nem me lembres.” Ele estremeceu. “Foi horrível. Mas acho que até me saí bem.” Ele esticou os braços acima da cabeça. Ele era entroncado e atlético, o suficiente que ela conseguia ver a forma dos seus músculos pelo tecido da sua blusa enquanto ele se queixava, “Meu, estou tão cansado de estar sentado numa sala de aula. Preciso de ir lá fora. Correr um bocado.”

Era difícil de pensar quando ele fazia aquilo de flexionar os músculos. A Isabelle remexeu por alguma coisa que dizer. O que saiu foi, claro, a coisa errada. “Sabias que, sempre que te sentas, estás em constante troca de eletrões com a cadeira?” Ele deu-lhe um olhar interrogativo, mas ela continuou, incapaz de se parar. “Ao fim de uma aula de 50 minutos, tens mais eletrões da cadeira do que teus.”

“Então estás a dizer que eu, agora, sou uma cadeira,” ele disse.

“Basicamente.”

Ela não conseguia imaginar o porquê, de todos os factos que sabia, o seu cérebro ofereceu-lhe aquele, agora.

Às vezes ela achava que o seu cérebro a odiava.

“Bem,” disse Raj, amigavelmente, “isso, explica muita coisa.”

Enquanto andavam, ela estudou-o pelo canto do olho. O seu cabelo castanho brilhante era grosso e ondulado no topo de olhos escuros cheios de alma. As suas pestanas eram *incríveis*. Ela matava por pestanas assim. As suas mãos estavam soltas ao lado do seu corpo, enquanto ele estudava a multidão à sua volta com uma curiosidade intensa, que, ela suspeitava, não escapava nada daquele lugar movimentado. Ele contava-lhe depois sobre o que ele observava — quem se estava a separar, e quem se estava a apaixonar. Quem é que ainda estava zangado sobre algo que tinha acontecido mais cedo, e quem estava a deprimir silenciosamente e a precisar de atenção. Foi esta consciência extraordinária que, primeiramente, a atraiu a ele, quando ele chegou à escola, há dois anos, com uma bolsa de estudo. Na escola, de outra forma, predominantemente branca, a sua pele escura fazia-o destacar. Foi a primeira coisa em que ela reparou quando ela o viu a subir as escadas com a sua mala. A segunda foi a forma como ele mantinha a sua cabeça erguida, os seus olhos sempre a irem de encontro aos de quem passava. Nunca se retraía.

Bravura era a característica que ela mais admirava. E ela sabia desde o início que ele tinha. Aos montes. O único problema era, ele não parecia vê-la como nada mais que uma amiga. Ela tinha-lhe dado todas as hipóteses de reparar que ela era, realmente, uma rapariga, mas ele nunca pareceu reparar. Se alguma vez houve qualquer resistência para com ele na escola, devido à rua raça ou falta de riqueza, desapareceu em semanas — metade das raparigas do seu ano estavam apaixonadas por ele. Ele nunca quis atenção, e talvez fosse por isso que ele não notava nela, a esperar, a desejar que ele a escolhe-se a ela.

Ela tentava não deixar que isso a magoasse, mas...

Eles andavam lado a lado, os seus passos numa sincronização fácil, enquanto navegavam pelos corredores curvos das salas de aulas da Academia Cimmeria, seguindo os outros alunos pelas portas duplas, para o átrio central, onde estátuas se aglomeravam e as suas vozes ecoavam do chão duro e tetos altos.

Era um edifício grandioso e antigo, mas tinha-se tornado sombrio. As pinturas nas paredes estavam empoeiradas, as ornamentadas molduras douradas, desgastadas pela sujidade e tempo. Os candelabros tinham-se partido ou tinham lustres em falta e a luz do entardecer apanhava os fios de teias de aranha pousadas entre eles e fazia-as brilhar como seda.

Algumas secções eram pior que outras. A sala de jantar era a pior, ela achava. Em algum momento baixaram os tetos para fazerem a sala mais fácil de aquecer, então os painéis acústicos ficavam cortados por cima da grande lareira, fazendo-a parecer partida. Todas as salas eram assim — o aquecimento não funcionava nos dormitórios. O chão do salão de baile estava riscado e desgastado, as suas janelas tão cobertas de trepadeiras que já não deixava entrar uma fisga de luz. E a livraria estava num estado. Os livros estavam estragados e empilhados por todo o lado. As chaves para as salas de estudo estavam perdidas, então já não podiam ser usadas. Metade das luzes lá dentro estavam desligadas — era tão escuro que os alunos gozavam frequentemente que se tinha que requisitar um livro só para ir ao corredor ver qual era o título. Tudo contribuía para um sentimento de má administração e negligência.

“Quem me dera que arranjassem este lugar,” ela murmurou, pontapeando sujidade do caminho. “Já mal o limpam.”

Raj olhou em volta para as estátuas que decoravam o átrio, o mármore cinzento com pó. “Edifícios grandes como estes são difíceis de manter,” ele disse. “Os impostos deste lugar devem ser gigantes. Deve custar-lhes uma fortuna só para o aquecer.”

A Isabelle encolheu os ombros. “Eles deviam pedir dinheiro aos pais se precisam. Todos os que aqui andam, têm pais que podiam dar-se ao luxo de contribuir.”

“Nem todos.” O seu tom era gentil, mas significativo e ela corou.

“Claro. Nem todos.” Ela pousou a sua mão no braço dele, num pedido de desculpa silencioso. O sorriso simples dele disse-lhe que não era preciso um. Mas, ainda assim, ela sentia-se como uma idiota. O pai do Raj estava no exército, a servir na Irlanda do Norte. Ele não fazia muito dinheiro.

“Mas o *teu* pai devia contribuir,” ele disse, quando um silêncio constrangedor se instalou. “Nem que fosse só sacudir o pó a este lugar.”

“Eu culpo o Fergie.” Ela disse-lhe. “Ele está a arruinar este lugar.”

“Talvez o teu pai também o pudesse sacudir a ele, também.” Sugeriu o Raj.

George Ferguson tinha sido o diretor da Cimmeria há já quarenta anos. Agora, nos seus setenta, ele era visto tão raramente na escola que rumores se espalhavam de que ele se tinha reformado, secretamente, e que ninguém na administração tinha reparado.

“Eu continuo a dizer ao meu pai que ele devia fazer alguma coisa. Mas ele está demasiado ocupado para reparar em coisas como estas. Ele diz que a escola precisa sempre de trabalho.” Ela suspirou enquanto

eles iam para o corredor principal da escola, revestido em painéis de carvalho, que precisavam de ser polidos, urgentemente. “Eu devia dizer à Lucinda. Ela é quem, realmente, resolve as coisas.”

O Raj franziu a testa, perdido por um segundo. “Oh, espera. Essa é a Lucinda Meldrum, certo? A ex do teu pai?” Ela tinha explicado isto tudo antes, mas quando ela acenou impacientemente, ele apontou, “A tua família é mais complicada que o meu trabalho de casa de Física.”

Ela não podia discutir. “A culpa é do meu pai. Ele continua a casar-se. Há tantas mulheres na vida dele que até eu me perco. Enfim, desde que ele e a minha mãe se divorciaram, eu mal o vejo. Não estou convencida de que ele se lembra sempre de quem eu sou.” Ela parou à porta da sala comum e encostou-se à parede, a olhar para os outros alunos a passarem. “Tenho medo que de que um dia me confunda com uma das suas mulheres.”

O Raj soltou um riso de escandalizado, mas a Isabelle estava distraída.

“Falando da Lucinda — olha, está ali a Elizabeth.” Ela apontou para uma rapariga esguia com cabelo escuro volumoso cheio de ondas. Ela era o centro de um grupo de raparigas, todas tão maquilhadas quanto ela, mas nenhuma se destacava como ela. O seu sorriso iluminava-lhe a cara, criando-lhe covinhas perfeitamente simétricas nas suas maçãs do rosto cheias. As todas as outras raparigas a olhavam com admiração.

“Lizzie! Aqui!” A Isabelle levantou o seu braço e acenou. Enquanto olhava, a rapariga disse qualquer coisa que fez as outras rir, e depois foi para o pé deles, a saia agitando com cada passo.

“Hey, Iz.” Ela virou, por completo, o brilho de 100 watts, da sua atenção para Raj, estudando-o com uma inclinação da cabeça atrevida. “Juro por Deus, todo-poderoso, Raj, tu ficas mais fofo a cada dia que passa.

Ele sorriu-lhe. “Tu também.”

Eles ficavam bem juntos — A Elizabeth pequena e adorável, Raj, musculado e cabelo perfeito.

A Isabelle odiava ter tantos ciúmes. Mas ninguém resistia à Elizabeth quando queria ser notada. Ela enrolava sempre o cós da saia para subir a bainha e mostrar melhor as pernas. Já tinha recebido um aviso por escrito três vezes este período por desapertar a gravata e desabotoar os três primeiros botões da camisa para revelar a pele suave por baixo. Com a maquilhagem cuidadosamente aplicada e o seu cabelo entufado até parecer exatamente como as cantoras que viam no Top dos Pops e na MTV, ela nunca falhava a chamar à atenção.

A uns passos de onde estavam, um espelho antigo e manchado estava pendurado sob uma mesa ornamentada de mármore e, enquanto eles se atiravam um ao outro, olhou condenadamente para si. Achava-se desajeitada em comparação com a Liz. Demasiado alta, demasiado pálida, demasiado magra. O seu cabelo comprido tinha um bom-tom de castanho-dourado, mas nunca conseguia controlar os caracóis, então usava-o apanhado num rabo de cavalo a maioria dos dias, mas mesmo assim continuava a escapar, a frisar à volta da sua cara. Tudo sobre si, estava mal.

Pela primeira vez sentiu-se sem esperanças. Não admirava que o Raj só a via como uma amiga. Porque iria ele querer alguém como ela, quando todas as raparigas brilhantes eram dele se ele as quisesse?

“Mas afinal, do que estavam vocês a falar?” Perguntou a Elizabeth, trazendo-a para a conversa.

Demorou um segundo para a Isabelle se lembrar. “Oh... Estava a tentar explicar ao Raj como eu, mais ou menos, não sou parente da tua mãe.”

A Elizabeth estremeceu dramaticamente. “Oh,não. Nem eu percebo. O teu pai foi casado com a minha mãe, mas ele não é meu pai e eu não sou parente da tua mãe.” Ela levantou as mãos. “Mas a minha mãe é tua madrinha, então acho que somos, tipo, meias-irmãs.”

A Isabelle acenou. “Exceto que *não* somos meias-irmãs, de todo.”

A Elizabeth riu. “Quer dizer,” ela disse “o que é tão difícil de perceber sobre isso?”

A Isabelle queria continuar entristecida, mas o riso da sua meia-irmã era infeccioso, e rapidamente ela deu por si a rir também.

“É perfeitamente claro.” Ela concordou, rindo.

O Raj abanou a cabeça e murmurou, “As pessoas ricas são doidas.”

“Eu discutia contigo, mas é verdade.” Elizabeth limpou uma lágrima do canto do olho, com cuidado para não esborratar o lápis. “Especialmente a nossa.”

A Isabelle encostou-se para a estudar. “Por que é que a tua maquilhagem está sempre perfeita? E qual é essa cor de lápis de olhos? É tipo roxo, mas não é roxo.”

A Elizabeth iluminou-se assim que o tópico foi desviado para o seu segundo assunto favorito. “Chama-se conhaque de ameixa. Comprei-o na Selfridges a meio do período...”

“Bem, esta é a minha deixa.” Raj deu um passo atrás e levantou as mãos. “Quando elas começam a falar de maquilhagem é hora de ir jogar futebol.”

“Espera. Nós podemos falar de outra coisa!” Retraiu a Isabelle, imediatamente, mas ele já estava a dar a volta. “O jogo espera.” Ele disse. “Vejo-vos ao jantar.”

Desapontada, ela viu enquanto ele se misturava com a multidão. Ele tinha uma forma de andar tão distinta — passos leves e suaves na madeira desgastada do chão. Ela perguntava-se onde é que ele tinha aprendido a andar assim. Ele uma vez disse-lhe que o pai dele era um homem difícil de se viver. Talvez ele andasse devagarinho toda a sua vida de forma a evitar ser que fosse notado.

A Elizabeth empurrou-lhe o ombro. “Está apanhada por ele.”

“Não, *não* estou.” A Isabelle insistiu, a cor subindo-lhe no pescoço e às maçãs do rosto.

“Oh,por favor, estás *completamente* apanhada por ele.” A voz de Elizabeth dizia que já sabia de tudo. “E não te culpo. Ele fica melhor a cada ano. Ele tem o melhor rabo.” Ela fez a forma de uma maçã com as mãos. “Só músculo.”

“Elizabeth.”

O sorriso perverso da sua meia-irmã não desapareceu. “Quando é que vais apostar?” Ela perguntou.

“Oh, não sejas nojenta.” A Isabelle revirou os olhos. “E o que queres dizer com, “apostar?””

A Elizabeth não hesitou. “Quero dizer, seduzi-lo, claro.”

Por um segundo a Isabelle não conseguiu encontrar as palavras. “O quê? Isto não é a Dinastia. Não vou seduzir ninguém.”

“Porque não?” A outra rapariga parecia genuinamente perplexa. “Tu gostas dele. São ambos jovens, solteiros e livres. Só tens de dizer-lhe que estás interessada.”

Na verdade, a Isabelle não fazia ideia de como seduzir alguém. Parecia algo que as mulheres mais velhas faziam enquanto usavam casacos com almofadas de ombros e joias demasiado grandes. Não era algo que raparigas da sua idade faziam.

“Não acho que ele esteja interessado.” Ela disse, desviando o olhar. “Não o culpo.” Ela puxou na bainha da saia, que não a favorecia. “Sou tão comum em comparação com a maioria das raparigas aqui.”

A sobrancelha da Elizabeth enrugou. “Não sejas ridícula. Tu és linda. A tua estrutura óssea é de morrer. Eu matava por umas maçãs do rosto como as tuas. Tu só não te arranjas. Tu precisas de fazer algo para te destacares. Fazê-lo reparar em ti como sendo mais que um dos rapazes.”

A mão da Isabelle flutuou até à sua cara e voltou a cair. Ela não sabia distinguir boas maçãs do rosto de más. Ela não sabia como resolver tudo o que tinha de errado. Ela só sabia que tinha uma queda pelo Raj Patel há dois anos e que ele estava mais interessado em dar pontapés numa bola de futebol do que estava nela.

“Eu já tentei tudo em que podia pensar.” Ela confessou, miseravelmente. “Mas ele só pensa em mim como uma amiga.”

“Ele provavelmente diz o mesmo de ti.” A Elizabeth suspirou. “Vocês são impossíveis, ambos. Vocês, obviamente, gostam um do outro, mas nenhum de vocês vai fazer algo sobre isso.”

“Eu não sei fazer as coisas que tu fazes.” A Isabelle gesticulou para a saia encurtada da Elizabeth e para o cabelo perfeitamente entufado. “Eu não sei como chamar a atenção dos rapazes.”

“Vá lá, não é uma ciência.” Inclinando a cabeça, Elizabeth estudou-a, batendo na maçã do rosto com um dedo. “Ou talvez seja. Sabes que mais? Se maquilhagem te vai dar confiança, eu posso emprestar-te alguma. Tenho o lápis perfeito para ti. E o teu cabelo ia ficar muito melhor com um pouco de mousse.” Ela estava a habituar-se à ideia, os seus olhos a deslizar pela cara da Isabelle como se já conseguisse ver a transformação. “Deixe-me arranjar-te.”

“Eu não sei.” Disse a Isabelle. “Eu acho que não fui feita para essa coisa da sedução.”

“Claro que foste.” A Elizabeth ignorou com um aceno da mão. “Eu trago algumas coisas até ao teu quarto logo e podemos experimentar. Se não gostares, podemos logo tirar, outra vez.”

A Isabelle abriu a boca para discutir, mas a Elizabeth continuou, “Sabes, só podes ser rebelde e bonita uma vez na vida. O que não queres é ser rebelde mais tarde, quando já só é demasiado trágico. Precisas de o fazer agora, enquanto és jovem e fixe.” Ela pousou a mão na anca e voltou o poder total do seu sorriso para

um grupo de rapazes mais novos que estavam a passar. Dois deles tropeçaram enquanto se voltavam para trás para olharem para ela. “Vês?” Ela voltou-se para a Isabelle. “Está tudo na confiança. Só precisas de um pouco de fé em ti e o Raj vai cair aos teus pés.”

Isso não parecia possível, mas não valia a pena discutir quando ela já tinha a cabeça decidida. Em vez disso, a Isabelle perguntou, “Porque te importa tanto que acabemos juntos?”

“Eu não sei. Só digo que ele é uma boa escolha para ti.” Disse a Elizabeth. “Ele é inteligente. Ele é super fofo. E, para além do mais, não me parece do tipo de ir atrás de ti só pelo teu dinheiro.”

O sorriso da Isabelle desvaneceu. Ela ficou a olhar para a amiga como se ela, de repente, tivesse deixado de falar Português. “Claro que ele não está atrás de dinheiro. Que coisa mais estranha de dizer.”

“Não digas “claro”. Tu tens de pensar em coisas como esta.” Voltando-se para o espelho a Elizabeth examinou-se, agitando o cabelo com a ponta dos dedos. “Tu vais valer milhões um dia. O mercado da bolsa caiu há alguns meses e, de alguma forma, o teu pai fez dinheiro com isso. Eu ouvi o conselheiro financeiro da Lucinda dizer-lhe que o fundo de Segurança que o teu pai configurou-lhe, disparou.” A Lucinda era a mãe dela. Por razões que a Isabelle não compreendia totalmente, ela nunca a tratava por “mãe”.

“Todos os rapazes desta escola que perderam o seu fundo de Segurança vão estar a farejar à volta de nós as duas daqui a pouco tempo.” A Elizabeth continuou. “Mas o Raj... Ele parece-me alguém que não se importa assim tanto com dinheiro.”

O seu tom era leve, como se estivesse a falar sobre um trabalho da escola, mas as suas palavras abalaram a Isabelle. Nunca lhe passou pela cabeça que ela iria ter dinheiro dela, ou que alguém poderia fingir que gostava dela para poder ter dinheiro para si próprio. Mas o seu pai era Alastair St John. Todos sabiam que ele era um dos homens mais ricos do país. Tirando alguns bolsheiros, todos na Cimmeria vinham de dinheiro, mas não como a sua família. O seu pai tinha múltiplas fortunas — tudo em que ele tocava, realmente, virava ouro, e ele doava regularmente para a escola. Isto era importante. Até os professores a tratavam com mais diferença dos outros alunos. O Hollis perdoo-a, imediatamente, por faltar às aulas. Nem sequer lhe tinham dado detenção. A Elizabeth quebrava as regras constantemente, e todos os professores a tratavam como se fosse uma aluna perfeita.

E o Raj também tinha aludido para isso nessa tarde, não tinha? *Tu safavas-te com homicídio, aqui.*

Mesmo assim, a Elizabeth estava enganada — ela não ia ser a herdeira do pai. Havia outra pessoa na linhagem para isso.

“Não penso que vá herdar assim tanto.” Ela disse, após um segundo. “O Nathaniel vai recebê-la. Todos sabem isso.”

“Talvez.” A Elizabeth deu-lhe um olhar significativo. “Ou ... talvez não”

A Isabelle estava confusa. O seu meio-irmão Nathaniel era mais velho que ela, dois anos, e um rapaz. Seria normal para ele herdar a grande parte dos bens do pai deles.

“Porque não receberia ele tudo?” Ela perguntou.

“Eu não sei.” Ainda olhando para o espelho, a Elizabeth tirou o batom do bolso e começou a pintar os seus lábios num tom forte de framboesa. “Só sei que a Lucinda disse que tem um pressentimento que ele não irá.”

“Mas se *ele* não vai receber o dinheiro...” Começou a Isabelle. A Elizabeth acabou a frase por ela.

“Tu vais.” Fechando o batom com um clique decisivo, ela deixou-o cair para o bolso do seu blazer azul-marinho. “Tu és a sua única, outra, filha. E de acordo com a Lucinda, a sua preferida.” A crista da Cimmeria na lapela brilhava branca contra o tecido escuro quando ela se encostou à mesa de mármore.

“Mas...” A Isabelle ainda estava de testa franzida, “isso não faz sentido. Porque eu?”

“Não tenho a certeza de que o teu pai gosta assim tanto do Nathaniel. A Lucinda está sempre a falar disso. Ela está muito mais interessada nele do que em mim.” Ela olhou para o relógio. “Bem, tenho que ir. É suposto ir encontrar o Aaron na capela para alguma ação labial.”

A Isabelle não disse nada. A sua mente estava entrelaçada na bomba que tinha acabado de ser deitada nela. A sua mãe e o seu pai tinham continuado próximos depois do divórcio. Ela tinha recentemente casado outra vez, com financeiro rico.

Ele era simpático, o suficiente, nas raras ocasiões em que a Isabelle o viu, e a sua mãe parecia feliz, e isso era tudo o que importava. Apesar de sentir falta da Escócia — depois de casar, a sua mãe vendeu a casa fora de Edimburgo e ela e o marido novo dividiam o tempo entre Londres e uma propriedade rural em Hampshire. Ninguém, claro, perguntou à Isabelle o que ela queria. Mas também, ela morava aqui a maioria dos dias.

A Elizabeth começou a afastar-se, mas depois virou-se, de repente. “Ah, olha. Vai haver uma fogueira no castelo, hoje, depois do recolher. Devias vir.” A Isabelle já tinha começado a negar com a cabeça quando ela adicionou, “O Raj vai lá estar. Eu passo pelo teu quarto depois de jantar para te maquilhar. Podes encantá-lo.”

Ela deu-lhe um sorriso perigoso. “Se não o vieres reclamar — tem cuidado. Eu posso chegar lá primeiro.”

Parte 2

Nessa noite, Isabelle deixou o quarto mesmo antes da meia noite. Debateu consigo mesma durante horas sobre se devia ou não fazer isto mas, como a Elizabeth devia saber, o encanto de estar à volta de uma fogueira com o Raj superou a sua consciência e a sua tendência natural para o cuidado.

Assim que ia a sair, ela pausou para olhar para o espelho – a face que olhava de volta era quase irreconhecível. Fiel à sua promessa, a Elizabeth tinha passado por lá depois do jantar com os bolsos cheios de cosméticos. Com a sua aparelhagem no canto, a tocar Whitney Houston a cantar “I want to dance with somebody...”, a todo o volume, ela sentou-a e mostrou-lhe como linear os seus olhos com lápis, a por sombra nas pálpebras e a realçar as pestanas com rimel.

“Tudo o que precisas,” ela disse, passando bronzeador nas bochechas da Isabelle, “é de destacar as tuas melhores partes.” Quando acabou, chegou-se para trás e sorriu.

“Quer dizer, eu *sou* boa. Se o Raj não reparar em ti hoje, ele precisa de óculos.”

A Isabelle parecia-se mais as rapariga brilhantes, agora. Os seus olhos âmbar, invulgares, parecia, de repente, dramáticos e gigantes rodeados de lápis de olhos. Ela nunca tinha reparado, realmente, nos seus lábios antes, mas, de repente, pareciam-lhe, estranhamente, óbvios. O seu cabelo indomável, por uma vez, sob controlo, mas tinha crescido para o dobro do tamanho depois da Elizabeth a fazer virar a cabeça para baixo e espremido musse nas ondas.

“Pareço uma vocalista de apoio dos Wham,” ela murmurou para consigo. Mas ela também não tentou esfregar nenhuma da maquilhagem. Se isto era o que era preciso para chamar à atenção do Raj, então ela ia tentar.

Ela questionou-se, sem parar, sobre o que vestir mas a escola dava-lhe poucas opções. Não havia sentido em manter o uniforme, então mudou para uma leggings esticadas que usava para E.F. com botins grandes e uma blusa branca grande. Usava um blazer leve que tinha trazido de casa, sobre a blusa. E pôs argolas, prateadas e grandes para apanhar a luz. Quando acabou ela perfumou-se com o perfume Halson que a sua mãe lhe tinha dado pelos seus anos.

Se nada mais, ela parecia (e cheirava) mais interessante que o normal.

Ela não tinha a certeza do porquê de estar a tentar tanto, só que algo lhe dizia que esta noite importava. Havia um sentimento de agora ou nunca sobre esta festa.

Algo que a Elizabeth tinha dito antes de sair tinha-lhe ficado na cabeça. Depois da Isabelle estar polida, ela demorou-se à porta.

“Sabes, Izzy, o Raj é um bom rapaz, mas é inteiramente possível que ele não te mereça”

A Isabelle ficou tão chocada que demorou um momento para responder. “ O que queres dizer?”

“É só que, tu és *tu*. Tu és bonita e inteligente e rica.” Ela levantou a mão para impedir a oposição da Isabelle, “Eu sei que tu não achas que isso devia importar, mas importa. Tu tens tudo para oferecer. Se ele não vê isso, tu mereces melhor. Há rapazes ótimos lá fora. Encontra um que te valoriza. Okay”

Havia uma ponta de pena na voz da Elizabeth, e isso era a pior parte. A Isabelle queria defender-se, mas a verdade era, ela tinha esperado durante anos que o Raj reparasse nela.

Todos sabiam que ela tinha uma queda por ele, e ele simplesmente ignorou-a.

A Elizabeth tinha razão. A alguma altura, ela tinha que desistir dele como algo mais que um amigo.

A parte pior so amor é saber que não podes obrigar alguém a amar-te de volta.

Mas, por Deus, podes *tentar*.

“Aqui vai nada,” ela disse a si mesma. Ela tirou os botins e, segurando-os numa mão, saiu do quarto, fechando a porta atrás de si suavemente.

O corredor apertado estava escuro e silencioso – a maioria das luzes estavam queimadas e ninguém se tinha dado ao trabalho de as substituir – mas ela conhecia tão bem a escola que não precisava de ver o caminho enquanto ela passava nas pontas dos pés, de meias, por dúzias de portas pequenas, tal como a sua, cada um a com um numero pintado de preto brilhante. No fim do corredor, ela desceu rapidamente por uma escada estreita para o primeiro andar, onde uma fila de estátuas de mármore eram fantasmagorias com o luar. Ela tentou não olhar para elas enquanto se apressava para a escadaria encurvada principal e começou a descer. Havia algo nelas que lhe dava arrepios. Eram demasiado expressivas. Quando era mais nova tinha-se convencido que elas mudavam de posição sempre que lhes virava as costas para a observarem mais de perto. Ela era demasiado velha para ainda acreditar nisso, mas ainda assim, ela tenta nunca olhar diretamente para elas.

Ela tinha acabado de chegar ao último degrau quando algo rachou sob a sua cabeça.

Ela congelou, uma mão apertada no corrimão de madeira desgastado, e olhou para cima. O luar pelas janelas altas enviava sombras a perseguir as estátuas, dando a ilusão de que elas se tinham oscilado e mudado no escuro.

Arrepios levantaram-se na parte de trás do braço. Ela adorava a Cimmeria, mas com as teias de aranha e as janelas partidas, a forma como os canos, constantemente, faziam sons tal como se uma pessoa estivesse a andar pelos corredores, o lugar era assustador à noite.

Ela estava capaz de se bater por não ter saído ao mesmo tempo que a Elizabeth. Mas ela não se tinha convencido que realmente ia até aos últimos minutos.

Todos os outros já lá estavam no castelo à quase uma hora.

Indecisão estúpida, ela pensou enquanto semicerrava os olhos para a escuridão.

Ela não conseguia ver ninguém a cima de si. E nada mexeu na ala dos dormitórios dos professores, do outro lado do átrio de onde ela estava agora.

Talvez tenha imaginado.

Ela soltou a firmeza que tinha no corrimão, e deu o último passo para o chão. Nesse exato segundo, um *bang* alto rasgou o silêncio, de algures acima. Algo a cair, ou a ser empurrado. O que quer que tivesse feito aquele barulho, ela não queria saber.

Ela saiu a correr, a derrapar nas meias enquanto se precipitava para o corredor amplo, passando o refeitório e a sala comum, sinistramente calmo a esta hora, e depois para a o corredor de entrada, onde o chão se tornava em pedra, velha e macia, parando apenas quando deslizou para a alta e arqueada porta de entrada. Enegrecida pela ferrugem e pelo tempo, pensava-se ser tão antiga quanto a escola em si. A fechadura era antiga, um dispositivo de ferro, pesado, que envolvia (ela sabia de experiências passadas) puxar o trinco no topo enquanto também se virava uma maçaneta por baixo e depois levantar, a esforço, para a abrir, sem largar nenhum dos dois.

Ela meteu os seus botins debaixo de um dos braços e agarrou a fechadura mas as suas mãos estavam escorregadias com o nervosismo e parecia não conseguir apertar; os seus dedos escorregaram do trinco três vezes antes dela conseguir, finalmente, ter um bom controlo e abriu a porta com um puxão forte.

Ar fresco da noite flutuou para dentro, pesado com o cheiro do verão inglês de agulhas de pinheiro, relva cortada e flores noturnas. Sem olhar para trás, ela atirou-se para fora e virou-se para puxar a porta. O barulho do trinco a fechar pareceu demasiado alto no silêncio mas era demasiado tarde para se preocupar com coisas como essa.

Ela desceu os degraus de pedra para a estrada que curvava à frente da escola, como um ponto de interrogação. O cascalho era pequeno, pequenas facas a cortarem-na nos pés, e ela pulou num pé e depois no outro, enquanto calçava os botins.

Quando acabou, olhou em volta. Um sopro fino e quente de entusiasmo , percorreu-a. Era quase meia noite mas mesmo assim ela sentia-se completamente acordada. Energética. Por cima de si, a lua estava cheia, e brilhava sob a escola com a força de mil holofotes. Ela conseguia destingir cada tijolo vermelho vitoriano no seu brilho. Ver o telhado velho, pontiagudo e íngreme. Os pontos das chaminés mais salientes. Os brilhos de luz nas poucas janelas do piso superior eram alunos ainda acordados. E à frente, o caminho que curvava à volta do edifício para a floresta, w para trás, a colina que levava ao velho castelo no topo.

A antecipação apertar-lhe as costelas à volta dos pulmões e ela queria rir-se, por alguma razão. Ela não costumava quebrar as regras, mas ainda bem que tinha saído esta noite. Ela não teria conseguido dormir de todas as formas. Não com uma lua assim.

Um pássaro bateu as asas no céu, mandando a sua sobra suave pela relva, uma pincelada de escuro no verde. A visão disso estimulou-a.

Endireitando os ombros, ela correu ao longo da beira do cascalho, onde sabia que os seus passos seriam menos barulhentos, a sua passada longa e confiante, até que passou a ala das salas de aula e entrou no trilho que a levava pelas árvores. Só ai é que acalmou para uma caminhada rápida.

Ela tinha-se esquecido de trazer a lanterna, mas não precisava de uma. A lua iluminava o chão como num filme de dia para a noite¹. Ela conseguia ver as agulhas de pinheiro nos ramos – pequenas, irregulares, e claras. À sua esquerda a cúpula branca fantasmagoria de loucura elevava-se sobre as árvores

Tudo parecia normal, mas a noite sentia-se elétrica. Como se estivesse à espera de algo que a noite sabia mas que ela não. Algo que estava preste a acontecer.

“Estou a ficar maluca,” ela sussurro para si. Ela não era do tipo de *sentir* coisas no ar. Ela era racional. Ela não acreditava em horóscopos ou em bolas 8 Mágicas. Ela não queria a sua sorte lida. Não havia muito que a assustasse. Ela estava completamente focada em estar no topo da sua turma, e tudo o resto, ela sempre acreditou, eram só distrações sem sentido.

Por isso é que ela raramente vinha a estas festas. Ela tinha um plano para a sua vida, e não incluía álcool ou castigo ou, para que constasse, nem herdar o dinheiro do seu pai. Ela nunca tinha dito à Elizabeth – porque sabia que ela se iria rir dela- mas, ela não queria nada disso. Ela queria seguir os passos da avó. Ela queria sentar-se na administração de diretores, como a Lucinda, com todos aqueles homens, e provar que uma mulher podia fazer qualquer coisa que eles fizessem. Ela queria dirigir uma companhia que dava bons trabalhos a muita gente e que fazia as suas vidas melhores. A cima de tudo, ela queria ser membro do Parlamento. Então poderia mudar leis injustas. Ela tinha crescido consciente dos protestos constantes no país

¹ Dia para a noite – Efeito utilizado no cinema, onde uma cena é gravada durante o dia, de modo a parecer ter sido filmada à noite.

por causa das coisas que o governo estava a fazer. Se assim tantas pessoas estavam zangadas o suficiente para lutar contra a polícia por causa disso, algo estava errado. E ela queria consertá-lo

A Elizabeth sempre lhe disse que ela estava a desperdiçar a sua juventude. E talvez estivesse. Mas ela não achava que sim. Ela achava que a estava a usar para se prepara para mudar o mundo.

Isso era o que ela devia de estar a fazer agora, ela disse a si mesma. Ela devia de estar no seu quarto a preparar-se para o próximo dia de aulas, em vez de estar a ir atrás de rapazes.

Ela apercebeu-se de repente de que tinha escurecido. Ela olhou em volta, surpresa de ver que enquanto ela esteve perdida no seu pensamento, ela tinha entrado na floresta e começado a subir a colina. Os ramos dos pinheiros altos escoceses esticavam-se sobre a sua cabeça, formando um túnel que bloqueava o luar.

Ela apressou o seu passo, tentando não olhar muito para as sombras debaixo das árvores. Ela pensou nos outros, já no castelo, sentados à volta da fogo, a beber vinho que tinham tirado das adegas que os professores pensavam que eles não conheciam, ou o gin que traziam escondido nas malas. Ela queria lá está agora.

Foi aí que ouviu passos atrás de si, firmes mas a aproximarem-se rapidamente. Ela inspirou. Mais alguém devia estar atrasado. Ela podia ir com ele.

Mas ainda assim, ela não desacelerou. Os passos mantiveram-se atrás dela, firmes e a acompanhar o paço.

“Olá?” ela chamou para a escuridão, a sua voz hesitante.

Ninguém respondeu

A tremer, ela apertou o casaco nos ombros e começou a andar num passo quase de corrida.

Imediatamente, os passos aceleraram. Quem quer que fosse, estava a segui-la.

Isabelle olhou de relance por cima do ombro mas só consegui ver escuridão. Mas os passos pareciam que estavam a acompanhar os dela.

Ela sabia que o som atravessava de forma estranha na floresta. A pessoa podia estar mais longe dela do que soava.

Ou, uma voz na sua cabeça sussurrou, mais perto.

Já cansada da corrida pela colina, ela fez-se andar mais rápido, ma esperança de não ouvir mais nada. nenhuns passos. Ninguém ali.

Mas, atrás dela, a pessoa que não via também acelerou. Agora conseguia ouvir os passos com mais clareza, rápidos mas desiguais, um pedaço de cascalho derrapado debaixo de um calcanhar mal posto.

Pela primeira vez, ela ficou realmente nervosa. Alguém estava definitivamente a segui-la. Quem faria isso? Quem, aqui, sequer sabia quem ela era?

Ela pensou no que Elizabeth lhe disse mais cedo, sobre pessoas quererem o seu dinheiro, sabendo que a sua família era rica. Se os rapazes sabia, outras pessoas também podiam saber. Estranhos podiam saber. Ela sentia-se exposta – como se todos os seus segredos tivessem sido revelados.

Em segundos, ela deu por si a correr a toda a velocidade pelo caminho a cima. Ela não sabia porque o estava a fazer. Nunca nada acontecia aqui – era perfeitamente seguro. A escola não era vedada ou tinha portões, mas à entrada estava marcada como “privada” e estava a mais de 3km da estrada mais próxima para o próprio edifício escolar. Mas, de repente, não lhe parecia o suficiente.

Porque é que não há uma vedação? Porque é que não estamos melhor protegidos. Ela perguntava-se descontroladamente enquanto voava pela colina a cima, desatenta ao pavimento irregular. *Precisamos de mais segurança. Precisamos de guardas...*

“Isabelle! Espera!” a voz veio de trás dela. Masculina. Com um sotaque escocês leve.

Os seus passos abrandaram, e ela voltou-se, sem folgo, mesmo quando o Nathaniel se apareceu da escuridão atrás dela. Ela ficou imediatamente envergonhada.

“Oh, és tu,” ela disse, pausando para esperar por ele.

Ele parou a uma pequena distância, as suas mãos metidas nos bolsos, um olhar cauteloso, quase magoado, na sua cara fina e ossuda. “Porque correste?”

Era uma coisa tão dele, assusta-la quase de morte e depois ofender-se porque ela estava assustada.

“Eu não sabia que eras tu,” ela disse, adicionando como explicação, “Está escura.”

“Eu também não tinha a certeza de que eras tu a principio. Não esperava que estivesse aqui,” disse ele. “Tu não costumavas ir a estas coisas.”

“Tu também não,” ela lembrou-o. “Ou, pelo menos, pensava que não.”

“Não, normalmente,” ele concordou. “Mas hoje eu senti, não sei.” Ele curvou os ombros, dando um pontapé numa pedra para fora do caminho, para os samambaias². “Algo diferente.”

² Samambaia – Vegetais vasculares que cresce bem na sombra;

Era esquisito que ela parecesse querer ter uma conversa numa encosta, no escuro, enquanto agia como se cada palavra era excruciante.

Porque é que ele é tão estranho? ela questionou-se.

“Eu também não conseguia dormir.” Ela gesticulou para o brilho filtrado pelos ramos compridos das árvores sobre eles. “É a lua.”

Ele olhou para ela, sem expressão. “O que é que a lua tem a ver com isso?”

“Está cientificamente provado que a lua afeta o comportamento humano,” ela informou-o. “Mais crimes são cometidos em noites em que há lua cheia. E mais pessoas morrem.”

Ele fez uma cara aborrecida. “Eu nunca acreditei nessas coisas da lua. Quer dizer, como é que nos pode magoar? É só um pedra”

Enquanto falava, ele olhou-a. Tinham mães diferentes mas ocorreu-lhe pela primeira vez que ninguém ficaria surpreendido de descobrir que eles eram relacionados. Eles partilhavam as maçãs do rosto altas, o queixo forte e o cabelo castanho dourado do pai. A maior diferença estava nos olhos. Ela tinha os olhos âmbar invulgar da mãe, enquanto ele tinha o olhar estreito e azul do pai.

“As pedras podem magoar,” ela respondeu, tardiamente. “Quer dizer, se elas te acertarem com força suficiente.”

Ele latiu um riso curto. “Bem, não posso discutir com isso.”

Isto pareceu ter quebrado o gelo e os dois começaram a subir a colina juntos. A Isabelle esforçou-se para pensar em algo para encher o silêncio. Ela continuava a ouvir a voz da Elizabeth *Não tenho a certeza de que o teu pai gosta assim tanto do Nathaniel*, e parecia traição sequer lembrar-se disso. Porque assim que o disse, ela sabia que era verdade. Sempre tinha sido evidente que o seu pai não gostava muito do filho. Ele mandava-o embora assim que conseguia e passava o menor tempo possível com ele. O Nathaniel estava desesperado por uma figura parental que cuidasse dele, e no final, tinha sido a Lucinda que lhe tinha dado esse afeto. Mas era o seu pai que ele queria.

A sua mãe tinha falecido quando ele era muito jovem – ele tinha sido criado essencialmente por amas. Quando a Isabelle era criança, o Nathaniel estava presente, um menino magrinho e de olhos tristes, sempre a brincar sozinho mas ela era só um bocadinho nova para ser companheira de brincadeiras. Tinha, no entanto, havido um momento fugaz onde eles podiam ter formado uma amizade próxima. Quando ela tinha cinco anos e ele sete, ela tinha idade suficiente para ser de interesse para ele. Eles passaram esse verão a correr pelos jardins da mansão escocesa onde o seu pai vivia. O Nathaniel já a envolvia nos seus jogos – procurar piratas no lago, caçar tesouros debaixo das árvores.

Mas, dentro de algumas semanas, ele fez oito anos e o pai mandou-o para uma escola interna. Depois disso, ela não o viu muito. Ele vinha para casa durante algumas semanas, quase irreconhecível por conta do que tinha crescido e mudado. Eles falavam pouco, mas qualquer laço familiar que tinham formado durante esses vagos meses de calor tinha acabado. Ele era introvertido e tendia a ficar no seu canto. Os sorrisos dela não eram retribuídos.

E depois, os seus pais divorciaram-se e depois disso ela escassamente o via.

Ela tinha doze anos quando ela veio para a Cimmeria e nessa altura ele tinha catorze e o intervalo entre eles parecia vasto. Ele mostrou pequeno interesse em renovar qualquer tipo de amizade familiar. Ele era educado mas não de todo caloroso. E pareceu-lhe a ela que o melhor a fazer era manter a distância.

Ela sempre se sentiu um bocadinho triste de eles não serem próximos – ela e a Elizabeth tinham sido amigas desde o início. Mas o Nathaniel cultivava o seu estatuto de forasteiro. Tanto quanto ela podia ver, ele tinha poucos amigos. Ele queria que as pessoas mantivessem a sua distância, e elas mantinham.

Gradualmente, o silêncio tornou-se pesado e ela deu por si a ficar paranoica de que, de alguma forma, ele sabia de tudo o que ela não estava a dizer.

Diz alguma coisa, ela incitou-se, silenciosamente. Qualquer coisa menos isso.

“Deve ser esquisito para ti.” As palavras explodiram dela demasiado alto, e ele deu-lhe um olhar estranho. Ela apressou-se a explicar, “Quer dizer, é o teu último ano na Cimmeria. A tua última fogueira no castelo, e isso tudo.”

“Honestamente? Mal posso esperar para sair daqui.” O veneno no seu tom, tomou-a de surpresa e ela pestanejou enquanto ele continuava. “Eu desprezo este sítio. O diretor devia ter-se reformado à uma década – metade dos professores já passaram a idade da reforma, mal conseguem ficar acordados o suficiente para dar uma aula. O edifício, também, está a desmoronar-se à nossa volta, a relva está demasiado alta.” Ele gesticulou para as árvores como se eles, também estivessem inadequadas. “É um escola terrível. Eu desperdicei anos aqui. Anos. Só porque o nosso pai tinha alguma obsessão por este lugar. Não, não tenho nenhum arrependimento de me ir embora. Ia hoje se pudesse.

“Mas, deves ter amigos aqui?” ela tentou, com cuidado. “Certamente que vais ter saudades deles.”

Ele deu um riso com desdém. “Com quem é que eu iria ser amigo, aqui? Na Etton ou na Harrow eu talvez tivesse feito amigos. Mas o pai insistiu que eu viesse para aqui.” O seu tom era arrogante, mas havia algo por de trás disso. Uma espécie de tristeza. A Isabelle perguntava-se se ele sabia as coisas todas que a Elizabeth tinha dito. Se ele sabia que o seu pai não gostava dele. E se isso o fazia sentir-se mais sozinho.

Abruptamente, ele virou o olhar para ela. “Mas tu gostas de estar aqui, não gostas?” Soava como uma acusação.

“Acho que sim. Quero dizer. Eu percebo o que estás a dizer – os professores estão um bocado velhos, e o edifício precisa de trabalho. Mas...” Ela olhou para baixo, para onde as samambaias chegavam à folhagem macia do lado do caminho para lhe tocarem na perna. “... Há algo sobre isto.”

“Algo tóxico,” ele murmurou

“Quem me dera que alguém o arranjasse,” ela disse, ignorando. “Dar-lhe o cuidado que merece.”

Por uma separação das árvores ela avistou um brilho fraco a iluminar o horizonte. Ela conseguia cheirar um sopro de fumo de madeira doce na brisa. Alívio espalho-se por ela. “Oh, olha! A fogueira. Estamos quase lá.”

Os lábios do Nathaniel encurvaram-se como se a fogueira fosse outra falsidade ridícula da Cimmeria. Ele demorou-se no caminho mas ela não esperou por ele, meio a correr para o topo da colina para a parede de pedra velha que cercava a fortaleza arruinada. Ela subiu, com esforço, as pedras, sem olhar para trás. Um grupo de cerca de vinte pessoas estavam agrupadas à volta de um fogo ardente. Quase imediatamente, a Elizabeth viu-a e levantou-se num salto.

“Estava a começar a pensar que não vinhas!” As suas bochechas estavam coradas do que _estava a salpicar no copo de plástico que segurava enquanto agarrou a mão de Isabelle e a puxou para o fogo. “A Caroline vai ensinar-nos a fazer s’mores!”

A Caroline era uma aluna de intercâmbio da América que tinha chegado no Outono, trazendo expressões curiosas, música estranha e cópias da revista *Rolling Stones* com ela, e que os alunos passavam entre si como contrabando.

A Isabelle começou a segui-la mas, de repente, lembrou-se que o Nathaniel estava atrás de si, ela virou-se. “Vem connosco...”

Não estava lá ninguém.

A alguma altura ele tinha desaparecido tão subitamente como chegou.

“Com quem é que estás a falar?” A Elizabeth espreitou para as sombras atrás dela, e não vendo ninguém, empurrou-lhe o ombro, na brincadeira. “Estás a falar com pessoas falsas.”

Os olhos dela estavam demasiado brilhantes, e ela arrastava as palavras levemente. A Isabelle percebeu que ela devia estar bem bêbeda.

Forçando um sorriso ela encolheu os ombros. “Os meus amigos imaginários são os meus melhores amigos. Hey, já agora, acho que estás completamente bêbeda.”

A Elizabeth radiou-lhe um sorriso rasgado. “O Tristam fez punch, e os rapazes trouxeram-no para cima mesmo num balde. É delicioso.”

Tirando-lhe o copo, a Isabelle cheirou-o duvidosamente. O seu nariz enrugou. “é quase álcool puro. Devias ir de vagar com isto.”

A Elizabeth encolheu os ombros e tirou-lhe o copo de volta e deu um gole. “Receber pelo valor que paguei.” Isabelle observou-a com preocupação enquanto a sua meia-irmã cambaleava instável de volta para a multidão. Ela seguiu-a a uma distância com cuidado de por onde andava. O que sobrava do castelo era limitado a uma fortaleza – as janelas, telhado e porta à muito que tinham desaparecido, mas a sua forma redonda robusta ainda estava sólida no chão. O resto tinha sido partido com o tempo, e partes da alvenaria antiga estavam espalhadas no chão.

Quando chegaram perto dos outros, a Elizabeth alcançou a mão dela e puxou-a para que se sentasse na pedra larga com ela.

Enquanto se juntava ao grupo a Isabelle examinava, avidamente as suas caras, mas não havia sinal de Raj.

“Hey,” ela disse casualmente, “viste o Raj?”

A Elizabeth olhou-a com astúcia. “Sim, mas há algo que te tenho que dizer.” Ela puxou a Isabel para perto, mas agarrou-a com demasiada força, quase derrubando-a. A Isabelle teve de se agarrar à pedra onde se sentavam para não cair. A Elizabeth inclinou a sua cabeça para a dela. “Ele está aqui,” Ela sussurrou, um pouco alto. “Mas não está sozinho.” O hálito dela cheirava a vodka e algum sumo de fruta demasiado doce.

A Isabelle procurou nos olhos dela. Desejando que ela ficasse sóbria o suficiente para explicar.

A Elizabeth lançou um olhar significativo para a fortaleza. “Ele está com a Caroline.”

O coração da Isabelle afundou. O castelo era para onde os casais iam para “curtir” sem serem vistos.

“Oh,” ela disse, silenciosamente.

A Elizabeth abanou a cabeça e deu outro gole da bebida do copo. “Eu tentei dizer-lhe, Izzi. Mas ele não me quis ouvir. Ele é um idiota. Um completo idiota. Ficas melhor sem ele.”

A Isabelle manteve os seus olhos nas suas botas enquanto o calor lhe inundava a cara. Isto era pior do que ela se atrevia a imaginar. A Elizabeth, bêbeda e determinada deve ter dito ao Raj que ela gostava dele. Então agora, ele sabia a verdade, e ele estava a “curtir” com a loira, bronzeada, Caroline Californiana. Trazedora de s’mores.

“Fabuloso,” ela respirou para as botas, como se só elas percebessem a sua dor.

Sentindo o humor dela a cair, mesmo pela neblina da bebida, Elizabeth pegou num galho longo e estendeu-o para ela, esperançosamente.

“Vamos mazer farsmallhows,” explicou. Ela pausou para olhar para o galho, sem expressão, antes de começar a rir. “Ao contrário.”

A Isabelle levantou a cabeça para se fixar nela. Ela era um pouco rebelde, mas nunca tinha visto a sua meia-irmã bêbeda.

“Ela tem estado a beber como um peixe a noite toda.” A voz, afiada como cristal vinha do seu cotovelo, ela virou-se assim que a chama iluminou o cabelo louro e a distinta cara aristocrata de Julian le Fanult. “Todos tem. Tem sido como uma festa do fim do mundo.”

“Porque é que ninguém a impediu?” Exigiu a Isabelle, olhando para a Elizabeth, que estava com dificuldade de atravessar um marshmallow na ponta do longo galho.

As sobrancelhas dele levantaram. “Já alguma vez tentaste impedir a Elizabteh Meldrum de fazer precisamente o que ela quer? É como tentar impedir um rio de correr para o mar.”

“Mas, olha para ela,” a Isabelle apontou para onde a outra rapariga estudava o marshmallow na chama e a sussurrar para ele. “Como é que a vamos levar de volta para a escola?”

“Eu tenho estado a pensar nisso à algum tempo,” disse o Julian. “Estou a começar a aceitar que esta é uma daquelas noites é em cada um se salva a si mesmo e todos os restantes que se lixem. Eu sugiro que a deixemos, em segurança, na sala de convívio, tapada com um cobertor, e depois voltamos para os nossos quartos, assim, quando o Fergie encontrar metade dos alunos de último ano inconscientes de manhã, nós vamos estar angélicamente aconchegados. Tão sóbrios como um padre.

Apesar da sua preocupação com a Elizabeth, a Isabelle deu por si a sorrir. Ela sempre gostou do Julian. Ele era calado, mas quando falava era quase sempre devastadoramente engraçado, ou silenciosamente astuto. Era uma habilidade admirável.

“Mas eu não a posso deixar,” ela lembrou-o. “Ela é quase minha irmã.”

“Quem é?” A Elizabeth pestanejou-lhe. “Oh eu!” Ela parecia contente com a descoberta. “Com quem é que estás a falar?” Inclinou-se sobre o colo da Isabelle para espreitar o Julian. “Oh és tu! Tu és tão giro.” Ela abanou-lhe o dedo, o seu cotovelo a cavar na perna da Isabelle. “Tu gostas da Isabelle mas nem tentes. Ela está apaixonada pelo Raj.” Ela agitou a mão entre eles. “Desafortunados! Desafortunados.”

A Isabelle já tinha visto o suficiente. Ela arrancou o copo de plástico da mão da Elizabeth e despejou o conteúdo para o chão.

“E já chega de bebida para ti,” ela anunciou. Empurrando ando a Elizabeth do seu colo e levantando-se enquanto a outra rapariga começava a protestar. “Nós vamos voltar. Tu estás demasiado bêbeda. Vou deitar-te antes que desmaies.”

O Julian levantou-se para se juntar a ela. A mais de um metro e oitenta, ele ficava mais alto que ela. “Deixa-me assistir-te.” A sua cara de burguês não mostrava evidências de ter ouvido nada do que a Elizabeth tinha dito à uns segundos, embora ele, provavelmente, tivesse.

Agarrando-se ao seu galho de assar, um marshmallow pendurado numa ponta, ela olhou para eles os dois. “O que é que vocês são, a Stasi³? Eu ‘cabei de chegar, e vo’ ficar.”

“Não me parece.” O Jullian ficou ao lado de Isabelle. Olhando para o resto do grupo ele anunciou, “Bota abaixo, falhados. É quase uma. Estamos quase a tornar-nos todos em abóboras.”

Os restantes resmungaram, mas começaram a mexer-se, como se soubessem que ele tinha razão.

Havia algo de autoritário sobre o Julian, pensava a Isabelle. Algo que fazia as pessoas ouvir. Ela podia aprender com isso. Usa-lo ela mesma.

Do canto do olho, ela reparou em duas pessoas a cambalear da fortaleza do castelo. Ela viu o cabelo escuro do Raj, e o cabelo louro da Caroline, que apanhava a luz do fogo e tornava-se dourado.

³ Stasi - Organização de Polícia secreta alemã

Ele tinha o seu braço à volta dos ombros dela. E ela estava a segurar a mão dele. Ela só apanhou um vislumbre, mas eles pareciam felizes.

Ignorando o gelo que se formava no seu estômago, ela forçou-se em focar-se em por a Elizabeth de pé.

“Vá lá, Lizzie,” ela persuadiu, puxando-a para cima. “Nós temos de ir. Já é tarde.”

“Cheguei ‘gora,” contestou a Elizabeth, mas largou o galho e subiu, instável, até ficar de pé.

“Certo.” O Julian agarrou o cotovelo esquerdo da Elizabeth. A Isabelle pôs o seu braço á volta da cintura dela, do outro lado, e começaram a ir através das ruínas até ao trilho.

“Eu quero ficar!” protestou a Elizabeth, tentando voltar para trás. Mas eles seguraram-na firmemente e continuaram a leva-la até à segurança da escola.

“Isto não era a noite que eu estava à espera,” disse a Isabelle, mais para ela mesma.

Por cima da cabeça da Elizabeth, o Julian deu-lhe um sorriso enigmático. “Isso é a coisa das fogueiras. São sempre um pouco estranhas.”

Ele gostaria mesmo dela? A Elizabeth era chata mas raramente estava errada sobre este tipo de coisa. E se ele gostasse, seria nele que ela estava a pensar mais cedo nessa noite quando ela lhe disse para não esperar pelo Raj.

Fazia-lhe impressão que não tivesse reparado mais cedo que o Julian estava interessado. Mas também, ele era do tipo que escondia as suas emoções com facilidade.

A Isabelle questionava-se se poderia gostar tanto dele como gostava do Raj. Ela esperava que sim. Porque ela estava farta de ser ignorada.

Durante um tempo eles estavam ocupados a navegar a Elizabeth pela abertura na parede de pedra pelo trilho a baixo. Afastada do calor do fogo e do fluxo constante da bebida, ela rapidamente começou a deixar-se dormir, então era mais uma questão de a manter direita e a andar.

“Ela é pequena para ser tão pesada,” observou Julian, olhando para baixo para ela.

A Isabelle, ofegante do esforço de a segurar, disse, “Ela matava-te se te ouvisse dizer isso.”

Isto fê-lo rir. “Se ela alguma vez descobrir eu sei quem culpar.”

Houve uma pausa breve enquanto eles seguiram o trilho pelas árvores, onde o luar manchado formava padrões elaborados no chão da floresta.

“É uma pena que não tenhas vindo mais cedo,” disse o Julian, olhando em frente. “A Elizabeth pode estar bêbeda, mas estava certa sobre uma coisa – eu queria convidar-te para sair.”

Então ele ouviu mesmo.

“Sim. Tenho estado a planeá-lo à muito tempo. Eu pensei, bem, esperei, que o luar trabalhasse a meu favor. Romance e assim.”

Calor subiu-lhe às bochechas, e ela estava contente pela escuridão.

Ela não tinha a certeza do que fazer. Ela gostava de outra pessoa. Mas aqui estava um rapaz alto e profundo confessando abertamente que estava interessado. A dizer tudo o que o Raj nunca tinha dito.

Talvez, chegue a altura onde esperar tem de acabar, para que algo novo possa começar.

Ela clareou a garganta. “Bem, aqui estamos nós, no luar romântico,” disse ela, mudando a firmeza na cintura da Elizabeth. “Devias perguntar.”

Na luz azul, pálida, ela viu os lábios dele curvarem-se para cima. “Isabelle”, disse ele, “queres sair comigo?”

“Eu gostaria muito,” ela disse, empurrando todos os pensamentos do Raj para fora do seu pensamento.

“Ist’ é lind’,” Murmurou a Elizabeth, pelo cabelo.

“Seria a altura perfeita para te beijar mas...” Julian gesticulou para ela com a sua mão livre. Os seus risos cobriram os som de passos, então ambos saltaram quando o Nathaniel trovejou das sombras na sua direção. Ele estava a vir da escola, lá em baixo.

A Isabelle estava confusa – a última vez que o viu tinha estado à berma da fogueira. Agora ele parecia estranho, cansado e pálido, cada músculo do seu corpo tão contraído como um arame.

“O que...” ela começou, mas ele falou sobre ela. “Isabelle nós temos de ir para casa,” ele disse. “Agora.”

Os seus olhos eram intensos, fixados nela. Ele nem pareceu reparar na presença do Julian ou da Elizabeth, afundada entre eles.

Ela olhou para ele, perplexa. “Desculpa, não estou a perceber... Para casa?”

“Algo aconteceu.” De alguma maneira ele imbuiu aquelas palavras com um significado tão ameaçador que ela deu pela sua mão a escorregar da sua meia irmã.

O Julian ficou quieto, a segurar direita uma Elizabeth a semiconsciente e a observar o Nathaniel tão atentamente como se observa uma cobra.

“Nathaniel.” A voz da Isabelle tomou uma nota sobrenatural, calma, que ela dotava sempre que estava com medo. “É a mãe? Ela está magoada? Diz-me agora.”

A Elizabeth, talvez sentido pela neblina da bebida, o problema no ar, murmurou, preocupada, mas a Isabelle não olhou para ela. Ela estava a ver o Nathaniel. Ele estava a tremer.

“Não é ela,” ele disse, esforçando-se para encontrar as palavras. “É o pai.” Ele suspirou, as mãos a formarem um punho nos seus lados e olhando para os seus olhos, diretamente.

“O avião dela está desaparecido.”